

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO  
1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso**

**Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009**

**O INTERDITO E O SILÊNCIO NO QUADRADO LÓGICO**

Fabio Elias Verdiani Tfouni

Universidade Federal de Sergipe (UFSE)

O presente trabalho realiza uma investigação epistemológica e lógica sobre as condições de possibilidade da existência da linguagem, filiado à análise do discurso pêncheutiana. Para essa tarefa tratamos o interdito como fundador do discurso e sua relação com o silêncio. Tanto o interdito como o silêncio são tratados como fundadores e constitutivos do discurso e da linguagem. Em resumo afirmamos que para que haja dizer é preciso que não se diga tudo, pois, se houver um dizer completo, a necessidade de enunciação deixaria de existir já com uma primeira enunciação completa. Portanto é justamente não se dizendo tudo que se pode dizer algo, e que se pode continuar a dizer. Por isso o dizer é estruturalmente incompleto. A existência do silêncio ou de sentidos não ditos, não é apenas restritiva, mas também criativa. Por isso é que tanto o interdito como o silêncio são constitutivos e fundadores do campo do dizer e da linguagem. Para verificar as condições de existência da linguagem usamos a lógica aristotélica e suas modalidades - tanto as aléticas: o possível, o impossível, o necessário e o contingente; como as deônticas: o obrigatório o permitido, o proibido e o facultativo (ou permitido não). Usamos também o quadrado lógico e o hexágono de Blanché. Discutimos uma questão essencial para a colocação do dizer nos quadrados: seria a particular negativa (canto-O) modalizada pelo contingente, ou seria esse um canto sem preenchimento lexical? Uma de nossas propostas é que a particular negativa pode ser tratada como a posição relativa à modalidade fundadora, seja ela o contingente, seja o possível não (se esse canto for não lexicalizado). Essa questão é importante na medida em que para Blanché, o contingente não ocupa posição nenhuma no quadrado, apenas no hexágono proposto por ele. Nesse contexto, propomos a criação do quadrado do dito como projeção sobre os quadrados alético e deôntico. Nossa leitura é a de que ao menos em parte esse tipo de leitura do quadrado lógico das oposições já é feita na psicanálise lacaniana, através da colocação no quadrado das fórmulas da sexualização. O presente trabalho trata a estrutura, ou o momento zero da formação da estrutura, permitindo também um diálogo entre posições que se colocam em campos epistemologicamente divergentes, como umas que tendem a tratar o necessário como a modalidade

fundamental e outras que parecem privilegiar o contingente, por exemplo. Algumas posições que podemos tratar por esse meio são entre outras, as de Benveniste e Guimarães. Com tudo que foi dito, percebe-se que este trabalho utiliza noções da análise do discurso, da lógica, e da psicanálise. A presença da lógica é parte do que permite a este trabalho realizar um tratamento sincrônico das condições que tornam possíveis a existência da linguagem, sem levar em conta a história (ao menos até o momento).